



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
UEMA CAMPUS COLINAS
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**

GRAÇA ALICE LIMA BARBOSA

**O NACIONALISMO EXAGERADO DE POLICARPO QUARESMA: idealismo,
identidade e frustração no romance de Lima Barreto**

Colinas

2025



GRAÇA ALICE LIMA BARBOSA

**O NACIONALISMO EXAGERADO DE POLICARPO QUARESMA: idealismo,
identidade e frustração no romance de Lima Barreto**

Colinas
2025



GRAÇA ALICE LIMA BARBOSA

**O NACIONALISMO EXAGERADO DE POLICARPO QUARESMA: idealismo,
identidade e frustração no romance de Lima Barreto**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção
do título de Licenciada em Licenciatura em Letras /
Licenciatura em Língua Portuguesa, pela Universidade
Estadual do Maranhão, Campus de Colinas.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia do Socorro da Silva
Pinheiro

Colinas
2025

GRAÇA ALICE LIMA BARBOSA

Barbosa, Graça Alice Lima.

O nacionalismo exagerado de Policarpo Quaresma: idealismo, identidade e frustração no romance de Lima Barreto / Graça Alice Lima Barbosa. - Colinas - MA, 2026.

19 f.

Artigo Científico (Graduação em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia do Socorro da Silva Pinheiro.

1. Lima Barreto. 2. Nacionalismo. 3. Identidade nacional. 4. Primeira República. 5. Crítica social. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

**O NACIONALISMO EXAGERADO DE POLICARPO QUARESMA: idealismo,
identidade e frustração no romance de Lima Barreto**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção
do título de Licenciada em Licenciatura em Letras /
Licenciatura em Língua Portuguesa, pela Universidade
Estadual do Maranhão, Campus de Colinas.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia do Socorro da Silva
Pinheiro

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



MARCIA DO SOCORRO DA SILVA PINHEIRO

Data: 10/02/2026 08:41:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Márcia do Socorro da Silva Pinheiro (UEMA)

Orientadora

Documento assinado digitalmente



ABILIO NEIVA MONTEIRO

Data: 10/02/2026 08:54:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Abílio Neiva Monteiro (UEMA)

Examinador 1

Documento assinado digitalmente



LAIZE OLIVEIRA SILVA

Data: 10/02/2026 15:33:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Laize Oliveira Silva (UEMA)

Examinador 2

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado forças e perseverança para concluir essa etapa tão importante em minha vida, minha graduação.

À minha família, especialmente à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã, agradeço pelo apoio constante, pelo incentivo ao longo de toda a caminhada acadêmica.

Agradeço de forma especial à minha amiga Rayane Diamantina, companheira diária de deslocamento, cuja parceria e apoio tornaram essa trajetória mais leve.

Sou grata também às amigas que estiveram ao meu lado durante a graduação, oferecendo apoio, incentivo e companheirismo nessa jornada acadêmica: Vitória Viana, Suelen Araújo, Susana Araújo, Virna Vitória e Stéfane Rocha.

Ao meu namorado, Júnior Alves, agradeço pelo apoio, pelo incentivo e pela compreensão, especialmente nos momentos finais dessa trajetória.

Por fim, agradeço à minha orientadora Márcia Pinheiro, pela atenção, pelas orientações e pela contribuição fundamental para a realização deste trabalho, assim como aos professores que fizeram parte da minha formação e contribuíram com seus conhecimentos ao longo dessa jornada.

RESUMO

Este trabalho analisa o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), de Lima Barreto (1881-1922), a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa, baseada na leitura analítica e crítica da obra literária. Em diálogo com os estudos de Antonio Candido, Artur Monteiro Leitão Júnior (2011) e Valdemar Valente Júnior (2020), investiga-se o nacionalismo exagerado do protagonista como expressão das contradições políticas, sociais e identitárias da Primeira República brasileira. A análise mostra como o idealismo de Policarpo, fundamentado na valorização da língua, da cultura e da agricultura nacionais, entra em choque com uma realidade marcada pelo autoritarismo, pela exclusão social e pela ineficiência das instituições públicas. A trajetória do personagem funciona como metáfora dos limites dos projetos individuais de transformação em um contexto político pouco aberto a mudanças estruturais. Ao longo do estudo, observa-se que o romance utiliza a ironia e a memória como recursos de crítica social, evidenciando a distância entre o discurso oficial de progresso e a experiência vivida. Conclui-se que a obra de Lima Barreto permanece atual ao problematizar a construção da identidade nacional e ao reafirmar o papel da literatura como instrumento de reflexão crítica sobre a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Lima Barreto. Nacionalismo. Identidade nacional. Primeira República. Crítica social.

ABSTRACT

This work analyzes the novel *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), by Lima Barreto (1881-1922), based on qualitative research, using an analytical and critical reading of the literary work. In dialogue with the studies of Antonio Candido, Artur Monteiro Leitão Júnior (2011) and Valdemar Valente Júnior (2020), the exaggerated nationalism of the protagonist is investigated as an expression of the political, social, and identity contradictions of the Brazilian First Republic. The analysis shows how Policarpo's idealism, based on the valorization of the national language, culture, and agriculture, clashes with a reality marked by authoritarianism, social exclusion, and the inefficiency of public institutions. The character's trajectory functions as a metaphor for the limits of individual projects of transformation in a political context not very open to structural changes. Throughout the study, it is observed that the novel uses irony and memory as resources for social criticism, highlighting the distance between the official discourse of progress and lived experience. It is concluded that Lima Barreto's work remains relevant by problematizing the construction of national identity and reaffirming the role of literature as an instrument of critical reflection on Brazilian society.

Keywords: Lima Barreto. Nationalism. National identity. First Republic. Social criticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
2.1 A literatura como espaço de reflexão social.....	10
2.2 A Primeira República e suas contradições.....	10
2.3 Lima Barreto e seu projeto crítico.....	11
2.4 Nacionalismo, idealismo e identidade em Policarpo Quaresma.....	11
3. IDEAIS DA PRIMEIRA REPÚBLICA: NACIONALISMO SOB SUSPEIÇÃO.....	11
3.1 A busca memorialística e a construção identitária de Policarpo Quaresma.....	12
3.2 O episódio do tupi: resistência cultural e violência simbólica.....	13
3.3 A utopia agrária no Sítio Sossego: prática, burocracia e frustração.....	15
3.4 O cárcere e a execução: o colapso do ideal e o simbolismo do martírio.....	16
3.5 Por que Policarpo falha e o que o romance revela sobre a Primeira República.....	17
3.7 Contribuições para a interpretação crítica: memória, resistência e limites estruturais.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

INTRODUÇÃO

A literatura, ao longo do tempo, se constituiu como um amplo espaço de manifestação artística, no qual a linguagem é utilizada como matéria-prima para a expressão da realidade, dos ideais, das emoções e das vivências humanas. Dessa forma, abriu caminho para reflexões sobre a sociedade, a história, a política e a cultura de um país. Por meio dela, diversos autores, como Jorge Amado, Machado de Assis, Lima Barreto e outros, problematizaram as contradições de um Brasil que buscava consolidar-se como moderno, mas permanecia preso às desigualdades históricas e estruturais.

Dentre esses escritores, destaca-se Lima Barreto, cuja obra é marcada pela crítica social, pela denúncia das desigualdades e injustiças da sociedade brasileira no início do século XX. Nesse sentido, Barreto expressava em seus escritos a preocupação com a condição do homem comum e a luta contra a opressão, bem como a valorização da cultura nacional e a representação das figuras marginalizadas de sua época. Seu romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1915, é um dos maiores exemplos de sua literatura crítica, já que narra a trajetória de um funcionário público patriota, detentor de um nacionalismo¹ exagerado que o conduz a um idealismo ingênuo e, conseqüentemente, à frustração diante da dura realidade brasileira no contexto da Primeira República.

Este trabalho tem como objetivo analisar o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, destacando como o protagonista assume um nacionalismo desmedido e ilusório, acreditando que a valorização da língua, da cultura e da agricultura brasileiras seriam suficientes para transformar o Brasil em uma nação melhor. No entanto, Policarpo Quaresma se depara com um sistema político corrupto e indiferente, o que o conduz à frustração. Dessa forma, sua trajetória se define como uma metáfora das limitações do processo de construção da identidade brasileira no início do século XX.

Além disso, este trabalho busca, de maneira mais específica, contextualizar a produção literária de Lima Barreto no cenário do pré-modernismo e da Primeira República,

¹ José Luis Jobim argumenta que, no Brasil, o nacionalismo foi frequentemente formulado por elites intelectuais e políticas que buscavam definir uma identidade nacional a partir de seus próprios valores e interesses. Esse projeto visava criar uma ideia de nação que servisse a objetivos específicos, como, a unificação simbólica, especialmente após a proclamação da República; legitimação dos modelos políticos; integração cultural. Jobim também discute o paradoxo do nacionalismo brasileiro: muitas vezes, ele se construiu a partir de referências estrangeiras (como modelos europeus ou norte-americanos). Isso revela uma tensão entre o desejo de autonomia e a realidade da dependência cultural e econômica. Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, é um exemplo literário dessa contradição: quer nacionalizar o Brasil adotando o tupi-guarani, mas o faz por meio de um gesto burocrático e intelectualizado, desconectado do povo. JOBIM, José Luis. Literatura e identidade nacional. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef (orgs.). **Tempos de literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1998. p. 15-30.

ressaltando sua postura crítica diante das desigualdades sociais e das contradições políticas do período. Pretende-se também investigar a construção do personagem Policarpo Quaresma, evidenciando como seu nacionalismo exagerado e idealismo ingênuo se chocam com a dura realidade da sociedade brasileira. Outro aspecto relevante consiste em analisar partes do romance que demonstram os limites do projeto de modernização do Brasil no início do século XX, bem como relacionar a crítica social presente na obra, às discussões sobre nacionalismo e identidade cultural. Por fim, busca-se destacar a atualidade do romance, evidenciando como a denúncia de Lima Barreto continua a dialogar com os impasses políticos, econômicos e sociais do país.

O presente trabalho se justifica pela relevância literária, social e histórica do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, uma obra atemporal e considerada uma das mais significativas do pré-modernismo brasileiro. Nela, o autor retrata a tensão entre idealismo e realidade no Brasil, expondo as contradições de um país que buscava se modernizar, mas permanecia marcado por desigualdades. Ao analisar o nacionalismo exagerado do protagonista, torna-se possível compreender como a literatura pode funcionar como instrumento de crítica social, evidenciando as contradições políticas, econômicas e culturais do início do século XX, principalmente no contexto da Primeira República. Além disso, o livro continua atual, já que levanta discussões sobre nacionalismo, política e os limites da construção de uma identidade brasileira, assuntos que ainda fazem parte do nosso presente. A análise de Policarpo Quaresma não mostra apenas o passado, mas também ajuda a pensar em dilemas que ainda se repetem. Por isso, a escolha dessa obra reforça a importância da literatura como espaço de denúncia e reflexão sobre o Brasil.

A metodologia adotada neste trabalho baseia-se em uma pesquisa de caráter qualitativo, fundamentada na leitura analítica e interpretativa do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. A análise foi construída a partir do diálogo entre o texto literário e o referencial teórico, permitindo compreender de que forma o nacionalismo exagerado do protagonista revela as contradições políticas, sociais e culturais do Brasil da Primeira República. Além disso, foram utilizados estudos críticos sobre o autor, sua obra e o contexto histórico do pré-modernismo, de modo a sustentar as reflexões desenvolvidas ao longo do artigo. Esse procedimento metodológico permite compreender o romance não apenas como narrativa ficcional, mas como documento crítico de uma formação social específica.

Para embasar a análise do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, como referencial teórico, utilizamos, principalmente, os estudos de Antonio Candido, Artur

Monteiro Leitão Júnior e Valdemar Valente Junior que discutem questões como nacionalismo, identidade nacional, crítica social, literatura e contexto da Primeira República. Os textos selecionados oferecem as bases necessárias para compreender o contexto histórico e as ideias que sustentam a análise do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

2.1 A literatura como espaço de reflexão social

A literatura tem se afirmado, ao longo da história, como um campo essencial para a compreensão das experiências humanas e das relações estabelecidas entre sujeito e sociedade. Para Antonio Candido, a obra literária não só reflete o meio social como também participa ativamente dele, revelando tensões e conflitos que muitas vezes permanecem ocultos no cotidiano. Desse modo, o texto literário se torna um instrumento crítico capaz de expor desigualdades, denunciar injustiças e problematizar processos históricos que moldam a realidade de um país.

Com isso, a literatura permite ao leitor perceber dimensões subjetivas e coletivas que compõem a formação social brasileira, abrindo espaço para questionamentos sobre política, cultura e identidade. Essa perspectiva é fundamental para compreender obras que, como *Triste fim de Policarpo Quaresma*, utilizam a ficção como caminho para discutir as contradições estruturais da sociedade.

2.2 A Primeira República e suas contradições

O romance de Lima Barreto só pode ser completamente compreendido quando situado dentro do contexto da Primeira República, período marcado por instabilidade política, desigualdades sociais profundas e promessas de modernização que não se concretizavam. Valente Junior (2020) destaca que as crises políticas e institucionais do período revelavam um país distante dos ideais republicanos que pretendia afirmar, evidenciando conflitos estruturais entre discurso de progresso e realidade social.

Artur Monteiro Leitão Júnior (2011) complementa essa análise ao demonstrar como o autoritarismo e a repressão estatal constituíam elementos centrais da formação republicana. Segundo o pesquisador, a Primeira República se apoiava em práticas políticas excludentes, nas quais a participação cidadã era restringida, no militarismo e na manutenção de estruturas de poder, onde a participação cidadã era restringida, reforçando assim a desigualdade. Esse cenário ajuda a compreender o modo como Lima Barreto denuncia o funcionamento das instituições, a burocracia e o distanciamento entre o Estado e o cidadão comum.

2.3 Lima Barreto e seu projeto crítico

Dentro desse contexto histórico, Lima Barreto destaca-se como um dos escritores mais expressivos do início do século XX, especialmente pela forma direta e crítica com que aborda os problemas sociais do país. Sua obra evidencia as contradições da República Velha, expondo as injustiças e as limitações impostas aos indivíduos que buscavam transformar a realidade. Ao trabalhar com personagens marginalizados e com a ironia como recurso narrativo, Barreto constrói um projeto literário que dialoga diretamente com as reflexões de Valente Junior e Leitão Júnior, pois revela os limites de um país que se dizia moderno, mas permanecia preso a práticas políticas autoritárias e excludentes.

2.4 Nacionalismo, idealismo e identidade em Policarpo Quaresma

A discussão sobre nacionalismo e identidade brasileira ocupa papel central na leitura do romance. Valente Junior (2020) aponta que a busca por definir o que seria a nação marcava a Primeira República, momento em que projetos idealizados de Brasil coexistiam com desigualdades estruturais. Nesse sentido, Policarpo Quaresma representa um ideal patriótico construído a partir de símbolos e valores que não encontravam compatibilidade na realidade social.

Para Leitão Júnior (2011), o fracasso do protagonista está diretamente ligado à estrutura autoritária da República, que impede seu idealismo e reafirma os limites das instituições brasileiras. Deste modo, o nacionalismo exagerado de Quaresma se transforma em metáfora das dificuldades de consolidação de uma identidade nacional definida durante o período, revelando um país marcado por contradições, disputas políticas e projetos de modernização incompletos.

3. IDEAIS DA PRIMEIRA REPÚBLICA: NACIONALISMO SOB SUSPEIÇÃO

A leitura de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* revela que Lima Barreto constrói, por meio do protagonista, um projeto de identidade nacional que articula elementos de memória, utopia e resistência simbólica. Policarpo organiza a sua vida em torno de uma busca obsessiva da “alma do Brasil”, uma pátria que ele acredita que possa ser recuperada por meio da língua, da agricultura e das tradições. A obra, entretanto, mostra como esse projeto entra em choque com as barreiras institucionais e sociais da Primeira República, transformando o esforço idealista em trajetória de fracasso e martírio simbólico.

3.1 A busca memorialística e a construção identitária de Policarpo Quaresma

Desde as primeiras páginas, o romance apresenta Policarpo como um sujeito cujo a identidade se constrói pelo conhecimento voltado ao nacional: ele estuda, coleciona saberes e procura, em cada dado histórico, um vestígio da pátria perdida. Lima Barreto registra:

Durante os lazes burocráticos, estudou, mas estudou a pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais, que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. Para isso ia até ao crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do “seu” rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo. (Barreto, 2017, p. 13)

Esse trecho mostra bem como Policarpo constrói a própria identidade a partir do estudo. Ele não estuda o Brasil por curiosidade ou por obrigação: ele faz isso como quem cultiva uma devoção. Nos momentos em que qualquer pessoa descansaria, Policarpo está lendo sobre a história do país, sobre suas riquezas naturais, seus rios, suas guerras. É como se ele acreditasse que, entendendo cada detalhe, conseguiria encontrar a verdadeira essência do Brasil.

Isso revela um personagem que tenta preencher uma falta, como se o país real não bastasse e ele precisasse buscar, nos livros, um Brasil mais coerente, mais grandioso, mais digno. O conhecimento se torna, para ele, uma forma de construir sentido. Quando ele discute o tamanho do Amazonas, por exemplo, não é apenas teimosia: é quase uma defesa pessoal. Qualquer crítica ao rio parece, para ele, uma crítica ao próprio país. Por isso ele se altera tanto, mesmo sendo normalmente calmo.

Assim, percebe-se como o sentimento nacionalista dele não é só racional e sim afetivo, é emocional. Ele precisa acreditar nesse Brasil idealizado porque isso sustenta quem ele é. É justamente essa relação intensa com a pátria que Antonio Candido discute quando fala da literatura como parte da formação social. Policarpo tenta, pelos livros, criar uma história para o Brasil, mas também para si mesmo. E essa construção é frágil, porque depende de uma realidade que não corresponde aos seus sonhos.

Por isso, esse trecho é importante: ele mostra que a identidade de Policarpo nasce do estudo, mas também de um desejo profundo de encontrar um Brasil melhor do que o Brasil que ele vive. Essa identidade construída pela memória e pelo estudo será constantemente

colocada à prova ao longo do romance, sobretudo quando Policarpo tenta transformar conhecimento em ação.

3.2 O episódio do tupi: resistência cultural e violência simbólica

A defesa pública da oficialização do tupi-guarani é núcleo dramático do romance e serve como emblema do choque entre utopia e aparelho de Estado. No texto, Lima Barreto descreve a cena com detalhes:

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma — usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênias para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como com plemento e consequência a sua emancipação idiomática. Demais, senhores congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal — controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura científica e filosófica. Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômico de que a Câmara e o Senado pe sarão o seu alcance e utilidade P. e E. deferimento” (Barreto, 2017, p. 47-48).

A partir da análise deste trecho, entendemos que, há uma crítica à situação da língua portuguesa no Brasil, já que o narrador aponta que a língua é “emprestada”, tornando os brasileiros eternos dependentes e sujeitos à censura dos proprietários, ou seja, Portugal. Além disso, destaca as infundáveis e azedas polêmicas entre gramáticos no país, vista como um sinal de crise e inadequação.

Dessa maneira, Barreto satiriza as correntes nacionalistas radicais que, em busca de uma identidade pura, propunham soluções radicais e desvinculadas da complexidade histórica e cultural do Brasil. O fato de dirigir um pedido desses ao Congresso, órgão que o autor via como inerte e distante dos reais problemas nacionais, é uma crítica à ineficácia das instituições. Em relação à questão da língua, embora a solução seja absurda, o problema apontado, a tensão entre a língua importada e a realidade local, as disputas gramaticais

elitistas, é real. Barreto, por meio do exagero, força o leitor a refletir sobre a identidade cultural brasileira.

Sendo assim, esse fragmento não é uma mera curiosidade literária. É uma síntese satírica e melancólica das contradições do projeto nacional brasileiro no início da República. Através do absurdo proposto por seu protagonista, Lima Barreto critica a importação cega de modelos culturais, a alienação das elites políticas e a busca por uma identidade nacional autêntica, busca que, na figura de Quaresma, é ao mesmo tempo nobre, comovedora e condenada ao fracasso.

A reação institucional é imediata e humilhante, ou seja, o efeito prático às ideias utópicas de Policarpo Quaresma não tardou, revelando o abismo entre seu idealismo e a realidade política. Sua petição pela adoção do tupi-guarani, longe de ser debatida com seriedade, foi recebida com o completo descaso e o riso generalizado das autoridades, conforme fragmento a seguir:

O burburinho e a desordem que caracterizam o recolhimento indispensável ao elevado trabalho de legislar não permitiram que os deputados o ouvissem; os jornalistas, porém, que estavam próximo à mesa, ao ouvi-lo, prorromperam em gargalhadas, certamente inconvenientes à majestade do lugar. O riso é contagioso. O secretário, no meio da leitura, ria-se, discretamente; pelo fim, já ria-se o presidente, ria-se o oficial da ata, ria-se o contínuo — toda a mesa e aquela população que a cerca riram-se da petição, largamente, querendo sempre conter o riso, havendo em alguns tão fraca alegria que as lágrimas vieram (Barreto, 2017, p. 46-47) .

A defesa pública do tupi-guarani mostra como o Policarpo enxerga a identidade nacional como algo que precisa ser reconstruído a partir da cultura. Para ele, recuperar uma língua original seria quase como devolver ao país uma espécie de verdade escondida. É como se, naquele momento, todo o esforço de estudo que ele sempre teve diante da história, geografia, botânica e folclore, ganhasse forma concreta em uma proposta. Só que, ao mesmo tempo, fica evidente o choque entre essa visão idealizada e a realidade política do Brasil.

Quando vemos a reação do Congresso, com risadas, com deboche e com falta de seriedade, percebemos o quanto a iniciativa do Policarpo é tratada como algo absurdo, não porque seja absurda em si, mas porque toca em pontos que as instituições preferem não discutir. O riso é usado para deslegitimar, para tornar pequeno aquilo que ameaça a ordem estabelecida. É uma forma de silenciamento e até de violência simbólica.

E é justamente nesse ponto que a cena dialoga com o que discutem Leitão Júnior (2011) e Valente Júnior (2020) sobre a formação social brasileira e o autoritarismo estrutural. Práticas como o riso institucional não são apenas reações espontâneas, mas mecanismos que

ajudam a manter o monopólio dos símbolos nacionais nas mãos das elites. Ou seja, a ridicularização funciona como uma ferramenta para preservar a hierarquia e impedir que ideias que desafiem a lógica colonial ganhem espaço.

Assim, o episódio evidencia uma crítica que Lima Barreto faz ao próprio funcionamento do Estado brasileiro: ideias que tentam romper com padrões consolidados não encontram acolhimento real. Acabam ridicularizadas justamente por atingirem lugares que certos grupos querem manter intactos. Dessa forma, a resistência cultural do Policarpo, que nasce do estudo e da vontade de repensar o país, se choca com um sistema que não está disposto a mudar. O romance mostra que, sem transformações sociais e políticas mais profundas, esse tipo de resistência fica frágil e facilmente esmagada.

3.3 A utopia agrária no Sítio Sossego: prática, burocracia e frustração

Ao levar suas convicções nacionalistas para o campo, Policarpo Quaresma transforma o Sítio Sossego em um espaço de experimentação concreta de seu ideal de país. A agricultura aparece, para ele, como ponto de partida da reconstrução nacional: trabalhar a terra significaria não apenas garantir sustento, mas afirmar a autonomia do Brasil e romper com a dependência econômica e cultural. O entusiasmo com que planeja as plantações, estuda métodos, organiza instrumentos e calcula rendimentos revela a crença de que o solo brasileiro, se tratado com planejamento e dedicação, poderia sustentar um projeto coletivo de progresso.

Planejou a sua vida agrícola com a exatidão e meticulosidade que punha em todos os seus projetos. Encarou-a por todas as faces, pesou as vantagens e ônus; e muito contente ficou em vê-la monetariamente atraente, não por ambição de fazer fortuna, mas por haver nisso mais uma demonstração das excelências do Brasil. E foi obedecendo a essa ordem de ideia que comprou aquele sítio, cujo nome — Sossego — cabia tão bem à nova vida que adotara, após a tempestade que o sacudira durante quase um ano. Não ficava longe do Rio e ele o escolhera assim mesmo maltratado, abandonado, para melhor demonstrar a força e o poder da tenacidade, do carinho, no trabalho agrícola. Esperava grandes colheitas de frutas, de grãos, de legumes; e do seu exemplo, nasceriam mil outros cultivadores, estando em breve a grande capital cercada de um verdadeiro celeiro, vidente e abundante a dispensar os argentinos e europeus. (Barreto, 2017, p. 73-74).

Com o tempo, o romance mostra o distanciamento entre esse ideal e a realidade social. As dificuldades de Policarpo não se limitam às demandas próprias do trabalho agrícola, como o clima, o desgaste físico ou a adaptação à rotina do campo. O que se mostra mais decisivo é

o choque com uma burocracia lenta, confusa e indiferente, marcada por taxas, exigências administrativas e pela falta de apoio do Estado. O Sossego, que deveria representar equilíbrio e esperança, torna-se um lugar de frustrações sucessivas.

Esse caminho mostra que a utopia agrária de Policarpo fracassa menos por ingenuidade individual e mais pelas condições estruturais que impedem iniciativas autônomas. Lima Barreto mostra um Estado que se proclama moderno, mas que, na prática, mantém práticas arcaicas, excludentes e baseadas em favores. Sem apoio institucional, políticas públicas consistentes ou redes de apoio, o esforço isolado do protagonista acaba se desgastando e se torna vulnerável.

Como era possível fazer prosperar a agricultura, com tantas barreiras e impostos? Se ao monopólio dos atravessadores do Rio se juntavam as exações do Estado, como era possível tirar da terra a remuneração consoladora? (Barreto, 2017, p. 119).

Desta forma, a frustração vivida no Sítio Sossego ultrapassa a experiência pessoal e assume um sentido mais amplo, porque simboliza o fracasso das promessas republicanas de desenvolvimento e progresso social. O romance sugere que, sem transformações profundas nas estruturas políticas e administrativas, qualquer tentativa de reconstrução nacional, por mais bem-intencionada que seja, tende a se perder diante da falta de ação e da resistência do próprio Estado.

3.4 O cárcere e a execução: o colapso do ideal e o simbolismo do martírio

Os acontecimentos finais, acusação, prisão e fuzilamento de Policarpo, evidenciam a intensificação do conflito entre ideal e poder. No romance, o cárcere não é apenas punição pessoal, mas espetáculo político:

Planejado para destacar o colapso definitivo do ideal patriótico, o momento do cárcere expõe o caráter alegórico da punição imposta ao protagonista. A reflexão de Policarpo evidencia que a pátria, antes idealizada, converte-se em instância opressora e indiferente: Planejou a sua vida inteira atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete (Barreto, 2017, p. 189-190).

A execução reforça o papel simbólico do personagem, já que ao condenar Policarpo, o Estado sugere a punição da própria ideia de uma pátria concebida fora dos interesses das elites. Esse momento permite afirmar que Lima Barreto converte a tragédia pessoal em denúncia política: o “triste fim” não é apenas do homem, mas da própria possibilidade de um projeto nacional ético e inclusivo. Lê-se, assim uma crítica ao autoritarismo presente na formação social brasileira (Leitão Júnior, 2011; Valente Júnior, 2020), evidenciando como o Estado silencia as vozes contrárias sob justificativas morais ou legais.

3.5 Por que Policarpo falha e o que o romance revela sobre a Primeira República

A leitura dos trechos e a análise conjunta revelam um padrão constante: as iniciativas individuais de reconstrução nacional, culturais, linguísticas e agrárias, enfrentam em um conjunto de fatores que tornam difícil a realização dessas utopias sem mudanças institucionais profundas. Entre esses fatores, destacam-se:

- a) **A violência simbólica das elites**, visível na ridicularização e na exclusão do debate público;
- b) **A ineficiência e o favorecimento político na administração pública**, que criam obstáculos administrativos e dificultam iniciativas autônomas;
- c) **O autoritarismo e o uso da força**, presentes em respostas repressivas a opositores e críticos;
- d) **A distância entre o discurso de progresso e práticas políticas exploratórias**, que mantêm a pobreza e a dependência.

Dessa forma, Lima Barreto expõe, por meio da literatura, a contradição central da Primeira República: um discurso de modernização e progresso que se mantém ao lado de práticas políticas antigas e excludentes. Policarpo Quaresma surge, assim, como uma figura trágica e representativa, porta-voz de um ideal que o país não estava disposto a acolher.

Sua loucura aparente, a defesa do tupi-guarani, é, na verdade, uma lucidez radical que desnuda o paradoxo de uma nação que busca sua identidade copiando modelos estrangeiros, enquanto ignora e marginaliza suas próprias raízes. Seu “triste fim” não é apenas o destino de um homem ingênuo, mas a alegoria do fracasso de um projeto nacional que, ao não enfrentar suas próprias contradições, condena ao absurdo e à violência qualquer tentativa genuína de emancipação.

Assim, o projeto nacionalista de Quaresma assim como o da própria República naufraga não por falta de ideais, mas por sua desconexão com a realidade social brasileira, marcada pelo abismo entre elites e povo, pela persistência do latifúndio e por um racismo estrutural que inviabilizava qualquer identidade coletiva verdadeiramente inclusiva. Barreto nos mostra que a verdadeira língua nacional que precisava ser aprendida não era o tupi antigo, mas a tradução política das vozes silenciada a saber: a dos sertanejos, dos operários, dos povos originários e dos negros, cujas existências eram excluídas tanto do discurso oficial quanto da gramática do poder.

3.7 Contribuições para a interpretação crítica: memória, resistência e limites estruturais

A leitura do romance revela que a memória e a recuperação simbólica, expressas na língua, no folclore e na história, constituem formas legítimas de resistência cultural, mas não são suficientes por si só. A reconstrução da identidade nacional, no contexto apresentado por Barreto, exige também mudanças no campo institucional e econômico. O romance, assim, cumpre dois papéis: por um lado, valoriza a preservação do patrimônio cultural; por outro, denuncia a ilusão de acreditar que a cultura, isoladamente, seja capaz de promover transformações sem enfrentar as relações de poder.

Desta forma, a leitura de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* contribui para os estudos sobre identidade nacional, autoritarismo e o papel da literatura como instrumento crítico. Em diálogo com Leitão Júnior (2011) e Valente Junior (2020), é possível afirmar que Barreto não apenas narra o fracasso de um indivíduo, mas expõe a crise de um projeto republicano que prometeu modernização sem garantir a participação efetiva da sociedade em seus benefícios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender como *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, se revela como uma representação significativa das contradições políticas, sociais e identitárias da Primeira República. Com base nos referenciais teóricos de Artur Monteiro Leitão Júnior (2011) e Valdemar Valente Júnior (2020), observou-se que o romance não apenas retrata um período marcado por autoritarismo, instabilidade institucional e profundas desigualdades, mas também questiona os discursos de modernidade e de nação que ganhavam força naquele contexto.

A trajetória de Policarpo Quaresma funciona como uma metáfora das frustrações do Brasil republicano. Seu idealismo nacionalista, sincero, mas ingênuo, revela o contraste entre o país sonhado e o país real, no qual as instituições públicas continuavam marcadas pelo uso pessoal do poder, pela troca de favores e pela violência política. O percurso do personagem e seu final trágico mostram o choque entre projetos de transformação e uma sociedade pouco aberta a mudanças que ameaçassem privilégios e hierarquias tradicionais.

Do ponto de vista literário, Lima Barreto utiliza a narrativa ficcional como espaço de crítica social, denunciando contradições que permanecem relevantes mesmo após mais de um século. O romance problematiza a construção da identidade nacional, evidencia a distância entre o discurso oficial e a realidade vivida e expõe a permanência do autoritarismo nas práticas cotidianas e institucionais do país. Nesse sentido, a obra reafirma o papel da literatura como instrumento de reflexão e resistência, capaz de trazer à luz aspectos silenciados da vida social.

Por fim, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* mantém sua atualidade tanto como obra literária quanto como intervenção crítica na história do Brasil. Ao expor os limites do projeto republicano e a fragilidade de ideais nacionalistas desvinculados da realidade social, a narrativa de Lima Barreto contribui para a compreensão da formação sociopolítica brasileira e de seus impasses persistentes. Dessa forma, o presente trabalho contribui para novas leituras da obra e reforça a compreensão da literatura como um campo fundamental para a análise das dinâmicas sociais que moldam o país.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 13. ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011. 1 v.

JOBIM, José Luis. Literatura e identidade nacional. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef (orgs.). **Tempos de literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1998. p. 15-30.

LEITÃO JÚNIOR, Artur Monteiro. A utopia linguística de Policarpo Quaresma: nacionalismo e ironia em Lima Barreto. In: SILVA, João Carlos (org.). **Estudos sobre literatura brasileira do pré-modernismo**. São Paulo: Ed. Acadêmica, 2011. p. 45-68.

VALENTE JÚNIOR, Valdemar. **A representação do fracasso na obra de Lima Barreto**. 2016. 180 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.